

ULTRAJE A RIGOR E SOCIOLINGUÍSTICA: UMA RELAÇÃO ESTREITA

Guilherme Mossini MENDEL
Universidade de Passo Fundo

RESUMO: Este artigo estudará a letra da música “Mim quer tocar” do grupo Ultraje a Rigor à luz da Sociolinguística, analisando as contribuições semânticas que o emprego de determinados termos e concepções estereotipadas podem dar. Em primeiro lugar será feita uma apresentação de alguns dos principais preceitos da Sociolinguística, baseada na obra “A pesquisa sociolinguística”, de Fernando Tarallo, e no capítulo “A variação linguística”, de Ronald Beline. Após, será desenvolvida uma reflexão a respeito do texto em questão, verificando os motivos que levaram a banda Ultraje a Rigor a utilizar variantes linguísticas na composição a ser analisada.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é mostrar o modo com que a banda paulistana Ultraje a Rigor se utiliza das variações linguísticas para enriquecer as críticas presentes nas letras de suas músicas.

“Inútil” é a composição mais simbólica nesse sentido. No entanto, para este trabalho será estudada a canção “Mim quer tocar”, criada na mesma época da primeira, cujo uso linguístico é também bastante significativo.

Assim, o texto será organizado da seguinte maneira: primeiramente será feita uma explanação sobre alguns dos pontos fundamentais da Sociolinguística, tendo por base a obra “A pesquisa sociolinguística”, de Fernando Tarallo, e o capítulo “A variação linguística”, de Ronald Beline;

depois, a letra da música “Mim quer tocar” será analisada; e em seguida ocorrerá o fechamento do trabalho, com as considerações finais do autor.

2 A SOCIOLINGUÍSTICA

De acordo com Fernando Tarallo (1991), quem iniciou oficialmente os trabalhos em Sociolinguística foi o pesquisador norte-americano William Labov. Segundo ele, o modelo de Labov veio a reestabelecer a relação entre língua e sociedade, ausente nas teorias linguísticas dos gerativistas, cujo principal nome foi o também norte-americano Noam Chomsky.

Labov pretendia sistematizar a variação linguística presente na fala. Assim, operou os dados que coletava por meio de números e estatísticas, com a finalidade de entender as causas das variantes e verificar mais especificamente onde elas ocorriam mais restritamente, onde provavelmente teriam se originado.

Para entender melhor estes termos, é válido ver o que Tarallo diz a respeito:

Em toda comunidade de fala são freqüentes as formas linguísticas em variação. Como referimos anteriormente, a essas formas em variação dá-se o nome de “variantes”. “Variantes lingüísticas” são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística”. (p. 8)

Dessa forma, “a gente canta bem” é uma variante do padrão “nós cantamos bem”, assim como “aquelas casa são bonita” é uma variante do padrão “aquelas casas são bonitas”. Já “aquelas casa são bonita”, “aquelas casa é bonita” e “aquelas casa são bonitas” constituem uma variável linguística.

Tarallo continua, expondo a visão que a sociedade tem da variação:

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não-padrão; conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. Por exemplo, no caso da marcação de plural no português do Brasil, a variante [s] é padrão, conservadora e de prestígio; a variante [Ø], por outro lado, é inovadora, estigmatizada e não-padrão. (p. 12-13)

Assim, quando alguém diz “eu tenho três filho” todos irão entender que determinado sujeito tem três filhos, mas esse jeito de falar não é bem aceito nos meios mais prestigiados da sociedade.

Consoante Ronald Beline (2004, p. 125), de uma perspectiva dialetológica, interessa ao pesquisador as seguintes variações:

- **Variação diatópica:** verificar se os falantes de uma mesma língua apresentam diferenças nos seus modos de falar de acordo com o *lugar em que estão*.

Ex.: Variação lexical: jerimum (Bahia) / abóbora (RS)

Variação fonética: questão do “r” em colônias de origem italiana

- **Variação diafásica:** verificar se os falantes de uma mesma língua apresentam diferenças nos seus modos de falar de acordo com a *situação de fala*.

Ex.: Variação morfológica: ardar → andá

- **Variação diastrática:** verificar se os falantes de uma mesma língua apresentam diferenças nos seus modos de falar de acordo com o *nível socioeconômico do falante*.

Ex.: Variação semântica: mano (movimento *hip hop*) / mano (irmão)

Segundo Tarallo, o material básico para a análise sociolinguística é o vernáculo. O vernáculo seria a fala mais natural de alguém, ou seja, a

expressão de ideias, opiniões, sem prestar atenção em como a língua está sendo utilizada. Seria o uso mais à vontade da linguagem.

Uma das etapas do estudo sociolinguístico é a pesquisa dos fatores condicionadores das variantes linguísticas; ou melhor, é o estudo dos motivos que causam os diversos modos de falar uma mesma coisa. De acordo com Tarallo:

A sistematização do “caos” linguístico demonstra, em seus resultados, que a cada variante correspondem certos contextos que a favorecem. A esses contextos daremos o nome de “fatores condicionadores”. [...] Nossas hipóteses de trabalho serão dadas pelo levantamento de todos os contextos ou fatores que potencialmente influem na realização de uma variável, de uma ou de outra forma. [...] (p. 36)

Há ainda o encaixamento linguístico, que seria a motivação das hipóteses, dos grupos de fatores.

Tudo aquilo que servir de pretexto e co-texto à variável (isto é, tudo aquilo que não for estritamente linguístico) poderá ser relevante para a resolução de seu “caso”. A formalidade vs. a informalidade do discurso, o nível socioeconômico do falante, sua escolaridade, faixa etária e sexo poderão ser considerados como possíveis grupos de fatores condicionadores. [...] (TARALLO, 1991, p. 46)

Ao separar o modo como tal faixa etária ou tal sexo diz algo, por exemplo, o pesquisador organiza os dados para que sejam feitas posteriormente as estatísticas.

A importância dos dados estatísticos é que com eles se pode constatar que certos grupos de fatores são responsáveis pela implantação de uma variante e que outros, ao contrário, não interferem em nada nesse processo.

Tarallo aponta ainda a interferência da escola na variação linguística:

[...] A língua falada é, portanto, um sistema variável de regras. Obviamente, a esse sistema de variação devem corresponder tentativas de regularização, de

normalização. Como grande estandarde dessa regularização surge a língua escrita tal qual ensinada nas escolas. A língua portuguesa veiculada na escola é, em princípio, um reflexo da norma-padrão do português. (p. 58)

Em seguida, o linguista prossegue, mostrando a importância da mídia na difusão de um modelo de língua:

A implantação da norma-padrão traz como consequência imediata a unidade da língua nacional. Nesse sentido, você poderá investigar fontes de dados que tenham por objetivo a unificação da língua nacional, por exemplo, os meios de comunicação de massa: a linguagem da *media*. Ao ouvir um programa de rádio, ao assistir a um programa de televisão, ou ao ler um jornal, você observará que, apesar de todos os três procurarem refletir a norma-padrão, a presença de traços variáveis da fala se faz sentir. [...] (p. 58)

Dessa forma, embora a mídia procure estabelecer uma língua padrão, ocorrem uns “deslizes”. Ou seja, a variação sempre aparece, mesmo que bastante escondida, por ser um processo linguístico natural.

Nessa perspectiva, Tarallo coloca diferenças entre diversos contextos midiáticos:

[...] Por exemplo, o texto de jornal e o texto de documentários e noticiários se diferenciam por ter sido o primeiro escrito para ser lido, e o segundo, escrito para ser falado. A informalidade do discurso esportivo deve-se, principalmente, à simultaneidade existente entre o acontecimento narrado e o momento da narração. (p. 58)

Continua, revelando as situações onde as variações linguísticas ocorrem com mais frequência na mídia:

[...] Os textos de documentário e mesa-redonda, apesar de reforçarem a variante-padrão, admitem, ainda que em escala reduzida, a entrada de variantes não-padrão, uma vez que a situação de enunciado é de veiculação oral. Mas são exatamente os textos típicos de discurso mais informal (izante) que permitem a

infiltração das variantes não-padrão: a transmissão de acontecimentos esportivos, os programas de auditório e as novelas. (p. 58)

Além disso, Tarallo relata alguns estudos feitos sobre alguns fatos linguísticos curiosos, como a questão da classe média baixa hipercorrigir sua fala em direção à classe alta, bem como o uso de variantes conservadoras por parte das mulheres.

Por fim, o estudioso supracitado explica que nem sempre a variação linguística será assimilada por todos e acarretará numa mudança linguística, mas que toda mudança é baseada em uma variação. Também, indica que a língua é homogênea, tendo em vista que as variações ocorrem a partir de um só sistema. Não há diversas línguas portuguesas, por assim dizer, mas sim inúmeros modos de realizar um mesmo repertório organizado de regras.

3 ANÁLISE

Mim quer tocar

(Roger Rocha Moreira)

Dinheiro!

Mim quer tocar

Mim gosta ganhar dinheiro

Me want to play

Me love to get the money

Mim é brasileiro

Mim gosta banana

Mas mim também quer votar

Mim também quer ser bacana

Mim gosta tanto tocar

Mim é batuqueiro

Mas mim precisa ganhar

Mim gosta ganhar dinheiro

Na letra de “Mim quer tocar”, Roger fala como brasileiro. Porém, utilizando-se de estereótipos linguísticos, ele dá uma imagem a esse brasileiro. Por meio do uso do pronome oblíquo “mim” como sujeito, ele remete ao modo com que os índios se comunicam (de acordo com o senso comum). Assim, dá a ideia de que os brasileiros são primitivos e atrasados, já que esse é o estereótipo que acompanha os índios e o modo como muitos estrangeiros veem o Brasil, o que é enfatizado com as expressões “Mim gosta banana” (que remete ao macaco) e “Mim gosta tanto tocar / Mim é batuqueiro” (que remete aos batuques africanos, povo que colonizou o Brasil e também considerado primitivo).

Além disso, o autor dá uma boa cutucada nos ditadores através do verso “Mas mim também quer votar”, que pode ser entendido como: somos atrasados, temos pouco estudo, porém queremos o nosso direito ao voto, o nosso poder de escolha, a nossa liberdade de expressão.

Ainda, há a mensagem que se apresenta como a principal desta composição. Os versos “Mim gosta tanto tocar / Mim é batuqueiro / Mas mim precisa ganhar / Mim gosta ganhar dinheiro”, bem como a transposição de alguns versos para o inglês (mantendo o “mim” como sujeito: “me want to play”, por exemplo), mostra o mau momento cultural vivido pelo Brasil naquela época, com a ditadura militar e sua censura, cuja influência não permitia arte crítica e subversiva, nem a livre divulgação do trabalho dos artistas, o que prejudicava demais o trabalho desses profissionais. Desse modo, quem se arriscava a produzir um conteúdo mais combativo precisava se exilar para não ser perseguido; ou quem pretendia desenvolver sua arte livremente ia ao exterior para poder mostrar o seu trabalho e ser reconhecido, como era o caso de grupos como Ratos de Porão e Sepultura. Também havia outras duas opções: ou os artistas faziam tudo às escondidas, à margem da mídia, como a maioria das bandas formadas por integrantes do movimento Punk (Cólera, Fogo

Cruzado, Restos de Nada, Olho Seco), ou seguiam à risca as determinações dos censores, assim como o Ultraje a Rigor, que tinha como um dos objetivos, segundo o próprio Roger, testar os limites da censura no Brasil.

A transposição de alguns versos para o Inglês revela ainda a dependência cultural (e econômica) do país em relação aos EUA, porque indica que apenas a arte “enlatada” (importada para o Brasil) em língua inglesa era valorizada. Consequentemente, o povo precisava digerir filmes, programas de TV, personagens e músicas, que falavam de um outro contexto em outra língua, o que desviava as atenções dos brasileiros para uma realidade que não era a deles – uma situação bastante confortável para o governo militar fazer o que bem entendesse.

Portanto, ao constatar o emprego de usos linguísticos que lembram a forma estigmatizada de como os índios se comunicam, pode-se constatar que há no texto variações diatópicas e diastráticas, indicando o lugar de onde fala (ex.: brasil → índio → primitivo) e o nível socioeconômico do falante (ex.: “mim também quer ser bacana” → bom; grã-fino). E isso colabora significativamente para enriquecer a interpretação da produção em questão, tendo em vista que são informações implícitas no texto, pois requerem a recuperação de estereótipos sociolinguísticos por parte do leitor para “funcionarem”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo foi criado em 1982. A Ditadura Militar acabou em 1985. Porém, somente em 03 de agosto de 1988 é que foi encerrada a censura no país, quando da elaboração da Constituição Federal. Então, durante toda a década de 80 e começo da década de 90 coube ao grupo Ultraje a Rigor testar os limites da censura, no primeiro momento, e verificar os resquícios desse mal, no outro.

Assim, protestavam contra políticos corruptos, contra problemas de transporte público, contra a falta de dinheiro, contra a ditadura, etc., de uma maneira irônica, divertida e muito criativa.

O grupo utilizava como ferramentas de linguagem palavrões, gírias e variantes linguísticas, como é o caso das músicas “Filha da puta” (onde compara o país a uma prostituta), “Mim quer tocar” (estudada acima) e “Inútil” (um protesto de brasileiros contra a imobilidade dos próprios brasileiros).

Bem como fazia Adoniran Barbosa, por exemplo, o Ultraje a Rigor incorpora a linguagem de quem ele quer retratar na composição da letra, o que enriquece consideravelmente o texto. Como consequência, pode-se perceber que se “Mim quer tocar” não tivesse sido escrita da forma com que foi concebida provavelmente não teria a metade do valor que tem, já que perderia a maior parte de seu significado, tendo que deixar de fora a questão da primitividade do povo brasileiro ou a colocando de um modo mais pobre artisticamente.

Desse modo, há uma relação estreita entre essa banda e o objeto de estudo da Sociolinguística, uma vez que visivelmente seus componentes percebem a riqueza da variação linguística e a empregam visando a abrilhantar a sua arte, contribuindo para a inteligência da cultura no país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística (I): objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 121-140.

MOREIRA, Roger Rocha. Mim quer tocar. Intérprete: Ultraje a Rigor. In: ULTRAJE A RIGOR. *Acústico MTV*. São Paulo-SP: Deckdisc, 2005. 1 CD (67 min 53 s). Faixa 10 (03 min 24 s). Áudio extraído do programa Acústico MTV – Ultraje a Rigor, gravado nos dias 22 e 23 de junho de 2005, em São Paulo-SP.

MUNDO EDUCAÇÃO. *Censura no Brasil*. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com.br/datas-comemorativas/censura-no-brasil-1.htm>>. Acesso em: 11 de agosto de 2010.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo-SP: Ática, 1991.

ULTRAJE A RIGOR. *História*. Disponível em:
<<http://roxmo.sites.uol.com.br/biografias.html>>. Acesso em: 11 de agosto de
2010.